

NOSSO MUSSEQUE, POR JOSÉ LUANDINO VIEIRA. LISBOA: CAMINHO, 2003, 191 p.

*Débora Leite David**

A INFÂNCIA NO MUSSEQUE

Luandino Vieira, nascido aos quatro de maio de 1935 como José Mateus Vieira da Graça em terras lusitanas, emigrou ainda criança com a família para Angola, onde seus pais almejavam construir uma vida melhor. Contudo tiveram o mesmo destino de outros tantos humildes colonos portugueses, estabelecendo-se em musseques como Braga, Makulusu, Kinaxixe e Sambizanga, bairros pobres da periferia de Luanda, que representaram o espaço da convivência entre brancos, negros e mestiços, que apesar de tensa, foi marcada pela interação entre os grupos raciais. Esse ambiente de alteridade e diversidade influenciou de maneira decisiva para o surgimento de uma consciência característica não só em Luandino, como em toda uma geração de intelectuais luandenses: a consciência da unidade nacional como elemento de força bastante para se contrapor ao domínio colonial português. Este espaço citadino foi o palco da interação entre a tradição africana e os costumes europeus, e fez nascer um novo modo de pensar e interagir nesta conformação social muito própria dos musseques. O afastamento da identidade puramente étnica e a aproximação da cidade do asfalto europeia criaram um novo ente social, detentor de novos valores culturais.

A reflexão sobre o indivíduo inserido em determinado contexto que o leva a manifestar referências identitárias específicas, nos remete à “crioula” Luanda, especialmente para a práxis dos musseques vivida intensamente por Luandino Vieira, a ponto de se tornar uma constante em suas obras. E nesta mistura de experiências e tradições é que José da Graça acaba por personificar

* Doutoranda da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

a cidade no seu nome, tornando-se Luandino. Esta designação, mais do que uma alcunha para o escritor parece demonstrar a identificação do homem com o seu meio.

O romance *Nosso musseque* é mais um exemplo belamente construído da mescla cultural existente no espaço citadino luandense, notadamente nos musseques. A referida obra foi escrita por Luandino quando se encontrava preso pela PIDE¹ em Luanda, no período compreendido entre Dezembro de 1961 e Abril de 1962. Ainda inédito, o romance era referido pelo autor em entrevistas como *Os meninos do Capitão Abano*, e somente em 2003 vem a público, mais de vinte anos depois da sua última publicação, seu livro de estórias *Lourentino, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*. Vale destacar que o regresso de Luandino ao “seu musseque” revisita um conto publicado em 1962, na colectânea *Novos contos d’África*, obra editada por Publicações Imbondeiro (Sá da Bandeira), com o título “Os miúdos do Capitão Bento Abano”. O livro *Nosso Musseque* foi lançado no mês de Abril de 2003 em Luanda (Angola), pela Editorial Nzila, e no mês de maio do mesmo ano em Lisboa (Portugal) pela Editorial Caminho, e em Maputo (Moçambique) pela Editorial Ndjira.

Trata-se da infância no musseque em que o narrador relembra seus tempos de criança contando as histórias dos moradores do bairro, mas sempre a partir da perspectiva das personagens infantis. O romance de 186 páginas está dividido em três capítulos, a saber, “Zeca Bunéu e outros”, “A verdade acerca do Zito” e, “Carmindinha e eu”, além de um glossário de expressões e vocábulos em quimbundo.

No curso da leitura do romance podemos identificar as distinções raciais das personagens, que ao longo da narrativa têm a sua colocação na teia social do musseque determinada em razão da cor da pele. Num passo temos a inocência das crianças, algumas bem crescidas, que não vêem razão de ser nesta diferença. Mas de outro temos os grupos bem definidos, os mulatos e negros representados pelas famílias dos meninos Zito, Xoxombo e Biquinho, e os brancos pelas famílias dos meninos Nanito, Antoninho e Zeca Bunéu. O próprio narrador em certo momento parece também se colocar nesta teia social

¹ Uma das designações da polícia política da ditadura salazarista que também mantinha sedes em territórios colonizados do ultramar.

ao se lembrar de sua falecida mãe quando se refere à proibição que lhe é imposta pela madrasta de ter com seus amigos para ouvir as histórias e adivinhas de Dona Ana.

Na janela do meu quarto eu assistia triste, todos a sentar à volta de don'Ana, sá Domingas abanando o calor. Minha madrasta não deixava eu ir, dizia que essas conversas de cazumbis é história de negros e, quando ela falava assim, eu lembrava a minha falecida mãe, ficava a chorar e espreitava bem com os ouvidos para apanhar o que don'Ana contava e o silêncio amigo me trazia.²

Partindo desta referência do narrador à sua mãe, entendemos que se trata de um menino mulato filho de pai branco e mãe negra, mas que está sendo criado pela madrasta, também branca. Ele próprio, o narrador, está entre os dois mundos, o da tradição africana ouvindo as histórias debaixo da mulemba (árvore frondosa, símbolo da realeza angolana), e o da cultura do colonizador português sendo obrigado pela madrasta a não se misturar com os negros.

No capítulo “Zeca Bunéu e outros”, encontramos um trecho do que seria o diário de Xoxombo, o menino de tez mais escura, que conta nas folhas dum caderno com a sua letra redonda conversas e confusões do musseque. Xoxombo conta sobre a escola e revela que somente lá diz o seu nome todo, que entendemos ser o seu nome “português”, mas que não é referido no livro. Quando se apresenta a sua professora, declina a sua origem: “E digo também que nasci da minha mãe, senhora Domingas João, negra, a sô pessora diz que isso não precisa dizer, e do meu pai, senhor capitão Bento de Jesus Abano, mulato, a sô pessora também quer que eu diga misto, mas é como eu gosto dizer”.³ Percebemos neste trecho que a criança não aceita a norma social da conveniência de omitir a sua origem negra, o que é absolutamente inútil no seu caso. Ainda assim reconhece a bondade da sua professora, mas não gosta do seu jeito de tratá-lo como um coitadinho, como se fosse menos e pior apenas por não ser branco como o Antoninho, filho do sô Antunes da quitanda.

Outro exemplo de consciência das diferenças entre a tradição do seu lugar e da realidade européia, encontramos na história contada por Zeca Bunéu

² VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 49.

³ *Ibidem*, p. 47.

na roda com outras crianças e Dona Ana. Ele conta que “era uma vez uma rapariga que foi com a quinda (cesta) dela cheia de mandiocas, batata-doce e galinhas para oferecer na avó que morava na mata. Aí no caminho, apareceu o senhor Onça e começou-lhe falar...”.⁴ Imediatamente Xoxombo interrompe a história do Zeca, e reclama da malandragem do amigo em querer botar o senhor Onça na história do Chapeuzinho Vermelho. Contudo, Zeca justifica a sua iniciativa: “Ai don’Ana! Se eu contasse a história com a menina do chapéu vermelho ser comida no lobo, ninguém que percebia, não é? Na nossa terra tem menina assim? E tem lobo na mata? Ora pópilas, tem mas é onça! É por isso eu conto assim...”.⁵

Apesar destes meninos andarem as voltas com os preconceitos impostos pela realidade colonial, eles parecem representar a mesclagem cultural própria do espaço luandense, através de uma narrativa em que se misturam a tradição africana e a cultura europeia, principalmente no tocante à imperfeição do uso da língua do colonizador, implicando na perspectiva da construção de uma identidade nacional angolana, com a materialização e a legitimação dessa apropriação através do estatuto literário. A construção da identidade nacional angolana busca o fim da exploração colonial, mas também a possibilidade de inserção da nova nação no mundo moderno da globalização, e a partir desta “modernização” buscar o crescimento do país para o devir histórico almejado por esse segmento social urbanizado.

⁴ Ibidem, p. 50.

⁵ VIEIRA, José Luandino. *Nosso musseque*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 50.